

A FAVOR DA AUTOBIOGRAFIA IN FAVOR OF AUTOBIOGRAPHY

A proposta de organização deste dossiê surgiu do encontro de três pesquisadores que vivenciam momentos distintos em suas trajetórias acadêmicas, mas que se encontram numa mesma clareira em relação aos estudos sobre “autobiografias, memórias, diários, autoficções, romances autobiográficos, testemunhos, histórias de vida e biografias”: Manuel Alberca, professor da Universidade de Málaga e professor visitante nas universidades de Universidade de Toulouse II-Le Mirail, Paris XIII e Tours (França), Berna (Suíça), Universidade Livre de Bruxelas e Passau (Alemanha); Ana Cristina Marinho, professora da Universidade Federal da Paraíba e Silvia Maria Fernandes Costa, doutoranda do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba.

Clareira significa, ao mesmo tempo, “espaço onde as árvores rareiam ou faltam por completo; clarão, claro, limpo” e “espaço vazio, lacuna”. Os testemunhos, biografias, histórias de vida e reflexões a partir dessas narrativas parecem ocupar esses mesmos espaços marcados pelo vazio e pela lacuna, por um lado, e pelo clarão, por outro.

Seguido esse percurso, decidimos dividir a apresentação do dossiê em três momentos. No primeiro, faremos uma introdução geral à leitura dos artigos, tomando como sul os gêneros autobiográficos e as escolhas teóricas dos/as autores/as. Na segunda parte, apresentaremos a experiência do professor Manuel Alberca e seus argumentos “a favor da autobiografia” e, por último, elencaremos as principais referências bibliográficas utilizadas pelos autores e autoras dos artigos.

Sobre a literatura de testemunho, o primeiro artigo, intitulado “A narrativa autobiográfica e a memória da ditadura civil-militar: uma análise comparada entre Brasil e Argentina”, de João Ricardo Pessoa Xavier de Siqueira e Alfredo Adolfo Cordiviola, apresenta uma análise comparativa entre “Volto semana que vem”, da jornalista brasileira Maria Pilla (2015) e “Uma sola muerte numerosa”, da escritora argentina Nora Strejilevich (2006), obras que remontam aos anos de ditadura civil-militar no Brasil e na Argentina. Os autores adotam uma perspectiva que leva em conta o “caráter performático” das narrativas e também a necessidade de relatar o passado numa dimensão ética, estética, mas também terapêutica. Estamos no domínio da literatura de testemunho, pois, segundo os autores: “a partir da tentativa de narrar o inenarrável, de dizer o indizível, o exercício estético contribui para a apresentação e exposição do passado, de seus fragmentos, ruínas e cicatrizes.” (p. 25). Para pensar sobre o testemunho, sobre a “memória do trauma individual e coletivo”, os autores lançam mão de discussões propostas por autores como Pierre Nora, Jan Assmann, Eleanora Bosi, Judith Butler, Leonor Arfuch, Diana Klinger e Philippe Lejeune.

O texto “Entre o realismo e o testemunho: crônicas da vida operária, de Roniwalter Jatobá”, de Éderson de Oliveira Cabral e Ernani Mügge, apresenta uma obra que, “pela via testemunhal”, desenha uma “trajetória do operário brasileiro” pouco vista na década de 1970. Esse aspecto caracteriza a obra de Jatobá como uma exceção no contexto das produções da época, como uma “literatura de êxodo”, uma literatura que além de testemunho é também memória e homenagem à classe trabalhadora. Sobre o testemunho, são discutidas as ideias de Giorgio Agamben (2008), em especial presentes no livro “O que resta de Auschwitz”, e também de Seligmann-Silva, “cuja proposta é pensar o conceito de testemunho como uma nova chave de reflexão para a nova ética da responsabilidade e do cuidado.” Nesse sentido, os autores terminam por retomar abordagens de Walter Benjamin e também de Ricoeur sobre os vencidos da história e as formas de narrar o vivido.

O terceiro texto que aborda a perspectiva do testemunho apresenta uma discussão sobre a obra “Bordados”, da autora iraniana Marjane Satrapi. As autoras buscam uma definição do gênero *grafic memoir*, proposta por Dalmaso (2015) tomando como exemplos não só a obra de Satrapi, mas também outros quadrinhos escritos por mulheres no final do século XX e início do XXI. São mulheres que testemunham várias situações de violência causadas pelo patriarcado e pela heterossexualidade compulsória, mas que encontram formas de resistência e de solidariedade.

A segunda parte dos ensaios volta-se para os diários, autobiografias e autoficções. O texto “Notas escritas em um ático: autobiografia de Emma Lavinia Hardy” costura passagens do diário da autora de *Some Recollections* pelo viés da psicologia analítica e evidencia o misticismo e “o papel do julgamento da sociedade a respeito da aparência da mulher no século XIX”. A autora utiliza como principais referências Paul John Eakin (1985, 1999 e 2004), além de discussões presentes no livro *A aventura (auto)biográfica: teoria e empiria*, organizado por Maria Helena Abrahão (2004).

Em “Reflexos da escrita de si em crônica de Tarsila do Amaral”, Valnikson Viana de Oliveira e Maria Claurênia Abreu de Andrade Silveira identificam uma configuração autobiográfica (Lejeune) que aproxima as crônicas de Tarsila do Amaral do gênero escrita de si. Analisam a crônica “Tragédia parisiense” evidenciando o ponto de vista da pintora e suas memórias sobre camareiras e *concierges*, que habitavam a Paris dos primeiros anos do século XX, e sobre os ateliês de pintores como Cezanne.

No artigo “Bioficção em Querido Diego, te abraza quiela (1985), de Elena Poniatowska: uma leitura enlutada”, Dênis Moura de Quadros e Antônio Carlos Mousquer propõem uma leitura da obra “pelo viés do luto”. Assim como no texto sobre Emma Lavinia Hardy, os autores procuram deslocar a imagem de Angelina Beloff, sempre associada ao marido, o pintor Diego Rivera, para outros espaços de significação. Os diários, cartas e, nesse caso, as biografias ficcionais, terminam por fornecer novas possibilidades de leitura para eventos, tempos e personagens da História. Os autores ampliam a discussão sobre o luto, presente do ensaio “Luto e melancolia”, de Freud, chegando à ideia de luto como um ato político, ponto de vista da autora Judith Butler. Temos, portanto, mais um artigo que versa sobre o apagamento e o silenciamento de mulheres que ressurgem através da voz íntima, das biografias ficcionais, dos testemunhos.

Sobre autoficção e autobiografias, assim denominados pelos autores, embora todo o dossiê gravite em torno desses gêneros, temos dois textos: “Marguerite Duras e a autoficção construída pela reescritura”, de Andréa Correa Paraiso Müller e “Maura Lopes Cançado: considerações em torno do início da literatura feminina autobiográfica no Brasil”, de Márcia Moreira Custódio e Alex Fabiano Correia Jardim.

No primeiro texto a autora retoma discussões sobre escrita de si, romance autobiográfico e o processo de reescritura a partir da obra “O amante”, considerada logo no momento da sua publicação como uma autobiografia, mas que vai, ao longo dos anos de recepção, passando pelas categorias de romance autobiográfico, escrita do eu e autoficção. Sobre o conceito de autoficção são retomadas ideias de Doubrovsky e discussões presentes no livro *Ensaio sobre a autoficção*, organizado por Jovita Noronha (2014).

O segundo texto apresenta uma discussão sobre ficção de autoria feminina e autobiografia a partir da leitura da obra “Hospício é deus - diário I”, de Maura Lopes Cançado. O argumento de que as internações em hospitais psiquiátricos “serviram de solo” para a escrita da obra da autora é construído a partir da noção de desvio (Foucault). Para as autoras, Cançado inaugura um lugar no Brasil: o da escritora louca e que, por esse rótulo, se permite a experimentações com a linguagem.

O dossiê apresenta dois artigos que problematizam a escrita e a crítica biográfica como “lugares de fronteira” (Nolasco). Em “Espaços perdidos e identidades outras: um arquivo que se abre ao sul”, Edgar C  zar Nolasco e Tiago Osiro Linhar voltam-se para a leitura da obra “Novela Trabajos del reino”, do escritor mexicano Yuri Herrera (2004). A leitura da obra é feita a partir de uma perspectiva descolonial na qual o espaço biográfico do investigador, “sujeito fronteiriço”, também é ativado. São explorados os espaços do palácio e do castelo. Nos espaços do palácio os autores retomam passagens do romance envolvendo o personagem Rey - em diálogo com as teorias de Derrida, Arfuch - além dos espaços ocupados por indígenas, negros e “ilegais”, nos quais um dos autores do artigo também se insere por sua condi  o de marginalidade. O castelo é visto como espaço que se abre para as ruas, espaços terminam por nos conduzir para territórios em que “se configuram outras leis e outras justiças”. Os autores costumam às impressões de leitura do romance suas memórias/lembrancas, acionadas pelos nomes das casas materna e paterna.

O texto “Ensaio de crítica autobiográfica: trajetos de vida e documentos de percurso nos procedimentos metodológicos de escrita de um romance”, de Luciany Aparecida, toma como motiva  o os processos de escrita de um romance. Fic  o, crítica e autobiografia se entrecruzam, mais uma vez. A autora discute sobre crítica autobiográfica (Lejeune) documentos de percurso (“cartas de alforria, fotografias, diários, processos-crimes, testamentos”) e micro-histórias. L   a escrita autobiográfica no Brasil como um campo de tensão que envolve também o mercado editorial, as institui  es que legitimam a arte literária e a recep  o dessas obras. Busca, a partir da cria  o de uma metodologia de pesquisa e escrita, unir em circuitos as trajetórias de mulheres “africanas, crioulas, forras, libertas, brancas-casadas e brancas-largadas”    sua própria trajetória de escritora, pesquisadora e ativista. O artigo assume também um lugar de manifesto, de desejo de “interferir no mundo, cavando trincheiras para, quem sabe num dia futuro, estremecer paredes de segregac  o.” (p. 159).

Por fim, temos o texto “Irmãs jamais: fic  o de si entre ternura e amargura”, de Julia Scamparini. A autora propõe uma leitura do filme “Irmãs Jamais” (Sorelle Mai - 2010), de Marco Bellocchio, tomando como pontos de partida e chegada as ideias de Wolfgang Iser sobre discurso encenado e rela  es entre autores e leitores e Lejeune, sobre autobiografia. As imagens, costuradas no filme pelo diretor, compondo um filme-diário, inscrevem na tela uma escrita de si, no sentido proposto por Assmann e assumido pela autora. A leitura de autobiografias e de reflexões sobre esse gênero terminam por, assim como o cinema, “chacoalhar ainda mais as supostas fronteiras que definem o que    inven  o, realidade, signo, ícone, narrativa ou memória, (pois) o filme aponta seja para os ritmos de recep  o a que estamos habituados, como também para o imaginário como uma espécie de terreno que une e faz conviver aquilo que costumamos chamar de fic  o e documentário” (p. 177).

Acreditando que “No futuro, o amor e a liberdade serão como num filme”, texto-manifesto presente no filme Tautagem (2013), de Hilton Lacerda, encerramos essa apresenta  o com a abertura de maia duas telas: a primeira apresenta as reflexões do pesquisador Manuel Alberca sobre o gênero autobiografia e a segunda uma rela  o de obras e autores e autoras que serviram de referência para os artigos aqui apresentados.

A favor da autobiografia

Há um acordo quase unânime sobre a origem cristã e europeia da autobiografia, cujo apogeu moderno coincidiu também com o desenvolvimento do pensamento liberal. A única

exceção que conheço a essa unanimidade é a opinião de Philippe Gasparini, que discute em seu livro *La tentation autobiographique* [A tentação autobiográfica] (2013), ao encontrar exemplos de textos autobiográficos anteriores em outras culturas e religiões. Espanha, minha nação, é um país europeu e cristão, mas é o único no qual coexistiram a cultura árabe e a religião muçulmana, além da cultura e religião judia, com a cristã durante oito séculos. Esse fato influenciou na formação do imaginário nacional, e os resquícios daquela história ficaram em nossos ‘genes culturais’. Por outra parte, si comparamos a modernidade espanhola dos séculos XVIII e XIX com a dos países nos quais triunfaram as revoluções burguesas, nossos frutos foram escassos e desiguais. Na Espanha, a inércia conservadora e tradicionalista se impôs sobre as forças de inspiração francesa que defendia as mudanças. Algo similar poderia ser dito em relação à questão religiosa e ao papel que a Igreja Católica desempenhou nos momentos de nossa história. Para os espanhóis, a religião não foi apenas uma questão de consciência, mas de identificação social e, às vezes, de controle. O poder político demorou para separar Igreja e Estado, de modo que as ideias ilustradas tiveram uma difusão cheia de obstáculos.

Portanto, não é estranho que a autobiografia, tão enraizada na afirmação do individualismo, que defende a supremacia da liberdade pessoal, e que deve tanto à hegemonia do liberalismo, não é estranho, reitero, que a autobiografia tenha se desenvolvido na Espanha de forma distinta que em outros países europeus. O caráter excêntrico de nossa cultura, no que diz respeito a europeia, levou à autobiografia por diferentes caminhos e, de certa forma, sua história é a história da resistência àqueles que desprezaram o gênero, e o esforço dos autobiógrafos espanhóis transformou esses ataques em desafios estimulantes. Com isso, quero dizer que não há um modelo autobiográfico único, nem tampouco faz sentido se considerar inferior a literatura autobiográfica própria por ter tido um desenvolvimento diferente ao de outros países. As realizações literárias devem ser avaliadas dentro de seu contexto histórico sem comparações odiosas.

Desde os anos de 1960, e sobretudo a partir dos setenta, a teoria e a crítica autobiográfica experimentaram um notável desenvolvimento nas literaturas ocidentais, paralelo ao apreço crescente que leitores e autores demonstraram por esse gênero literário. Tinha sido, até então, um gênero subestimado (a exceção dos clássicos), ao que se concedia apenas valor histórico e testemunhal. A ausência de uma definição específica e a falta de reconhecimento literário convertiam a autobiografia numa “caixa de miscelâneas”, na qual juntavam-se as obras propriamente autobiográficas com qualquer romance, poema ou drama, que tivesse, ou parecesse ter, conteúdo auto/biográfico. Felizmente, isso mudou no último terço do século passado, quando no campo anglo-saxão e, principalmente, na França, o estudo da autobiografia despertou uma atenção crítica e teórica. Apareceram, então, os trabalhos de James Olney, John Paul Eakin, Georges Gusdorf, Philippe Lejeune, entre outros, e se começou a reivindicar a “literalidade” do gênero, ao situá-lo em nível valorativo similar que outros gêneros. O esforço visaria distinguir as especificidades da autobiografia e seus distintos subgêneros (memórias, diários, romances autobiográficos, autoficções etc.), além das relações com a biografia e a bioficção, levando em consideração também o que a tornou única e diferente em relação aos registros literários fictícios. Nesse sentido, Philippe Lejeune e seu “pacto autobiográfico” foram uma contribuição decisiva (*Le pacte autobiographique*, 1975).

Pessoalmente, eu não tenho nada contra a ficção. Gosto de ler e reler bons romances, sou interessado também nas exceções e inclusive as mesclas de gêneros como mostrei no meu livro, *El pacto ambiguo. De la novela autobiográfica a la autoficción* [O pacto ambíguo. Do romance autobiográfico à autoficção] (2007). Estou convencido de que as ficções cumprem um papel importante no imaginário dos leitores, pois são capazes de criar imagens, explicações e relatos do que ocorre e nos ocorre, ali onde não poderia chegar o discurso do real nem do individual, para transcender mais além da imediatez histórica ou particular, ou para poder

suportar, como dizia T. S. Eliot, “a realidade demasiada”. O bom das obras literárias, sejam de ficção ou não, é que a leitura não pode esgotar nunca seu sentido de uma vez por todas. Essa era a ideia que Ítalo Calvino tinha de um “clássico”: nunca se acaba de lê-lo completamente.

Ademais, sou consciente de que sem a existência da ficção e de sua propriedade literária não poderíamos captar nem apreciar o específico da autobiografia. Mas para contextualizar a literatura autobiográfica dentro do sistema literário, há que resenhar que essa sofre um preconceito duplo com respeito à ficção: um do tipo moral (quando se costuma considerar um gênero próprio de gente soberba, narcisista e mentirosa: esses são também alguns dos adjetivos com que se acostuma utilizar para distinguir o gênero) e outro do tipo literário, pois a ficção goza de maior situação e prestígio que a autobiografia, considerada uma literatura de segunda categoria.

Para refutar esse preconceito, basta salientar que se comentou muito sobre o caráter exibicionista e egoísta dos autobiógrafos e pouco, penso, sobre sua atitude arriscada e generosa. Expor-se ao público, sem máscaras fictícias ou borrões líricos, é um ato quase sempre incompreendido nos países católicos, também e especialmente na Espanha, na qual ainda existem muitos reflexos do passado. Os escritores e críticos literários espanhóis não apreciam, geralmente, o serviço inestimável que alguns autobiógrafos cedem à higiene mental do país, ao aceitar livremente o desafio de escrever-se para os outros e de compartilhar o que os constitui de maneira única e íntima. Em troca, os leitores valorizam a autenticidade do ato autobiográfico, uma vez que lhes permite espiar sem “voyeurismo” ou morbidez a tantas e intensas vidas. Não há dúvida de que esse exercício intimida, porque se trata de expor a verdade de si mesmo e de seus segredos aos olhos do público. Sair à cena, para se mostrar tal qual se vê ou se imagina ser, pode intimidar o autobiógrafo que, consciente dos riscos, evita o compromisso de maneira banal e temerosa ou, pelo contrário, o enfrenta. Por isso, considero a autobiografia um gênero literário caracterizado por expor desafios diferentes dos de outros gêneros.

Na Espanha, existe um equívoco, especialmente entre os escritores, também entre os críticos e os professores, de que o gênero autobiográfico é também literatura, sim, mas de menor importância. Como gênero literário, a autobiografia expõe uns desafios específicos, porém tão exigentes quanto os de outros gêneros, como evidenciado pelas declarações de alguns autobiógrafos que também escreveram poesia ou romance. Para alguns autobiógrafos, essa dificuldade justifica que eles se afastem do desafio e se refugiem em conceitos tão vagos quanto o “romance da memória”. Por outro lado, para outros, os desafios os estimularam, apesar dos obstáculos óbvios. O autobiógrafo que decide escrever sua vida sabe ou deve saber que esse ato o coloca à prova diante ao passado, diante dos outros que compartilharam esse mesmo passado e diante de si mesmo. O romancista arrisca e expõe seu prestígio artístico quando publica um romance. O autobiógrafo além de expor esse mesmo prestígio literário, arrisca seu crédito pessoal.

A autobiografia implica, portanto, uma série de desafios íntimos, éticos e artísticos, que nem sempre são enfrentados ou feitos superficialmente. Porém, quando é feito de maneira profunda, envolve ou deve sempre implicar a revelação de uma verdade desconhecida, oculta, nunca dita antes. Portanto, buscar essa verdade no passado íntimo, privado ou coletivo, e revelá-la com lucidez e qualidade literária constituem os desafios fundamentais do gênero. Pessoalmente, tentei descrever e mostrar, a partir dessa abordagem, o que havia acontecido na literatura autobiográfica espanhola dos últimos 120 anos (ALBERCA, *La máscara o la vida. De la autoficción a la antificción*. Málaga: Pálido Fuego, 2017).

Desde que Philippe Lejeune descreveu o pacto autobiográfico, é possível determinar o que é uma autobiografia, no entanto, ainda existem autores e críticos entre nós que jogam para negar o óbvio. Não é hora de repetir ou lembrar esse conceito, mas, por sua brevidade e precisão

citarei uma definição do professor francês menos conhecida do que a mencionada no «pacto»: “Dans mes cours, je commence toujours par expliquer qu’une autobiographie, ce n’est pas quand quel-qu’un dit la vérité sur sa vie, mais quand il dit qu’il la dit” [“Nas minhas lições, sempre começo explicando que uma autobiografia não é quando alguém diz a verdade sobre sua vida, mas quando ele diz que a diz”] (LEJEUNE, Pour l’autobiographie, Seuil, 1998). Assim, a intenção do autor, ou a suspeita do leitor, não é suficiente, mas é necessário que essa proposta seja explicitada, comprometendo-se extratextualmente. É verdade que existem relatos fronteiriços, sendo que determinar isso não é fácil, contudo, mesmo nesses casos, a classificação dos textos literários, às vezes, é inevitável e, em muitos casos, necessária para entendê-los corretamente. Por isso, e para evitar a imprecisão e a arbitrariedade com que ainda é utilizada, acredito que usar a denominação de “autobiografia” com propriedade é uma tarefa pendente da crítica jornalística e acadêmica.

Desconheço quase tudo sobre o curso da autobiografia na história da literatura brasileira. É claro que não ousaria comentar sobre a situação, os problemas e os desafios da autobiografia brasileira, mas estou convencido de que iniciativas como esta da Revista Graphos podem ser um estímulo para escritores y um impulso para o estudo, o conhecimento e a difusão de uma literatura que tem sido eclipsada pela hierarquia da literatura de ficção e, sobretudo, pelo reinado do romance como um gênero literário hegemônico. Nas páginas que seguem, encontraremos excelentes exemplos de análises e variantes críticas das vidas escritas nas literaturas do Brasil e de Portugal.

Manuel Alberca

Ana Cristina Marinho

Silvia Maria Fernandes Costa

Referências sobre o tema do dossiê

ABRAHÃO, M. H. (org.). **A aventura (auto)biográfica: teoria e empiria**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

ABRAHÃO, M. H. (org.) **A aventura (auto)biográfica: teoria e empiria**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

AGAMBEN, Giorgio. **O que resta de Auschwitz: o arquivo e o testemunho** (Homo Sacer III). São Paulo: Boitempo Editorial, 2008.

ARFUCH, Leonor. Auto/biografia como (mal de arquivo). In: SOUZA, Eneida Maria de; MARQUES, Reinaldo (org.). **Modernidades alternativas na América Latina**. Belo Horizonte. Editora UFMG, 2009.p. 370-382

ARFUCH, Leonor. **Memoria y autobiografia: exploraciones en los límites**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2013.

ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultura**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2011, 453p

ASSMANN, Jan. Memória comunicativa e memória cultural. **História Oral**. v.19, n.1, jan./jun. 2016, pp. 115-127.

BENJAMIN, Walter. Experiência e pobreza. In: _____. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

- BESSA-OLIVEIRA, Marcos Antônio, NOLASCO, Edgar César, GUERRA, Vânia Maria Lescano e FREIRE, Zélia R. Nolasco dos S (orgs.). **Fronteiras platinas em Mato Grosso do Sul (Brasil/Paraguai/Bolívia)**. Biogeografias na arte, crítica biográfica fronteiriça, discurso indígena e literaturas de fronteira. São Paulo: Editora Pontes, 2017.
- BOIS, D.; RUGIRA, M. Relação com o corpo e narrativa de vida. In Souza, E. C. (org.) **Autobiografias, histórias de vida e formação: pesquisa e ensino**. Porto Alegre: EdIPUCRS, 2016.
- BOSI, Éclea. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BUTLER, Judith. **Relatar a si mesmo: crítica da violência ética**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.
- DALMASO, Renata. **Disability and metaphor in the graphic memoir**. 2015. 171 f. Tese (Doutorado em Letras). Programa de Pós-graduação em Inglês - Estudos Linguísticos e Literários, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.
- DERRIDA, Jacques. **Força de lei**. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 2010.
- DERRIDA, Jacques. **Mal de Arquivo: uma impressão freudiana**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.
- DOUBROVSKY, Serge. **Fils**. Paris: Galilée, 1977.
- EAKIN, P. J. **Fictions in autobiography: studies in the art of self-invention**. Nova Jersey: Princeton University Press, 1985.
- EAKIN, P. J. **How our lives become stories: making selves**. Londres: Cornell University Press, 1999.
- EAKIN, P. J. **The ethics of life writing**. Londres: Cornell University Press, 2004.
- EAKING, P. J. **Fictions in autobiography: studies in the art of self-invention**. Nova Jersey: Princeton University Press, 1985.
- FAEDRICH, Anna. O conceito de autoficção: demarcações a partir da literatura brasileira. **Itinerários**, Araraquara, n. 40, p. 45-60, jan./jun. 2015.
- FIGUEIREDO, E. **Mulheres ao espelho: autobiografia, ficção, autoficção**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013. p. 13-74.
- ISER, Wolfgang. **O fictício e o imaginário: perspectivas de uma antropologia literária**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.
- JOZEF, Bella. (Auto)biografia: os territórios da memória e da história. In: LEENHARDT, Jacques; PESAVENTO, Sandra J. (orgs.) **Discurso histórico e narrativa literária**. Campinas: Editora da Unicamp, 1998.
- KLINGER, Diana. Escrita de si como performance. In: **Revista brasileira de literatura comparada**, v. 12, 2008.
- KLINGER, Irene Daiana. **Escritas de si, escrita do outro: auto ficção e etnografia na narrativa latino-americana contemporânea**. Tese de doutorado em letras. Literatura comparada. Rio de Janeiro: UERJ, 2006.
- LEJEUNE, P. **O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet**. Belo Horizonte: EdUFMG, 2008.

NOLASCO, Edgar Cezar. Memórias subalternas latinas: ensaio biográfico. **Caderno de estudos culturais**. V. 5, n. 10, 2013.p.65-88.

NOLASCO, Edgar Cezar. **Perto do coração selbaje da crítica fronteriza**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013.

NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. **Projeto História**. São Paulo: 1993. (10), dez. 1993. p. 7-27.

NORONHA, Jovita Maria Gerheim (org.). **Ensaio sobre a autoficção**. Trad. Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2014.

RICOEUR, Paul. O entrecruzamento da história e da ficção. In: _____. **Tempo e narrativa**. Tomo III. Campinas: Papyrus, 1997.

SELIGMANN, Márcio S. **O local da diferença**. São Paulo: Editora 34, 2005.

SELIGMANN, Márcio S. O local do testemunho. **Revista Tempo e Argumento**. Florianópolis, v. 2, n. 1, 2010.

SELIGMANN-SILVA, Márcio (org.). **História, memória, literatura**: o testemunho na era das catástrofes. Campinas: Editora da Unicamp, 2013.